



JECSE – Pastoral Webinar

**“He sent them two by two ... Accompaniment;
walking with our colleagues from and into the heart of our Ignatian tradition”**

27 January 2022

O educador Inaciano - Fr Carlos Carneiro, sj – Portugal

1. Educar num contexto plural e secularizado

Às vezes, idealizamos ou dramatizamos tanto os contextos em que vivemos, da qual a escola é parte integrante que vivemos a missão de educar sem chama, sem encanto, sem rumo; sobretudo, sem a certeza da fé em Jesus, enquanto aliada imprescindível no modo inaciano de educar. Mais do que pedagogos crentes, somos estatísticos ou sociólogos da realidade como se não tivéssemos um “tesouro” a partilhar. Nada nem ninguém pode ocultar ou substituir a pessoa de Jesus no modo inaciano de educar. Não há escolas inacianas sem o anúncio, discernido mas explícito e a experiência da fé. Não é possível construir uma “tradição viva”, sem os desafios do Evangelho e o desejo de transcendência que existe nas novas gerações. Hoje, como ontem, independentemente dos tempos, dos contextos e das características das gerações. A globalização, as novas tecnologias de informação, a credibilidade científica, a força dos afetos e de uma cultura do lazer e da mobilidade, as famílias recasadas, o cuidado ecológico com a casa comum, a pressa de tudo viver, etc. são para nós um estímulo e não uma impossibilidade para educar e acreditar.

Educar é um ato de fé (não só de civilização ou cidadania). Cada educador é um crente. Conhece e acredita nas possibilidades dos seus alunos. Não se pode educar sem acreditar em quem se quer educar. Jesus foi um crente na forma de educar, de se relacionar, de alargar os horizontes. Ousava propor e ousava esperar uma resposta. Só é possível educar numa relação de confiança. Ninguém educa seres “imaginários” (por excesso ou por defeito) mas pessoas concretas, que nunca se contentarão com a aquisição dos melhores conhecimentos científicos ou culturais “desumanizados”. A inovação pedagógica a que nos propomos nunca será uma mecânica ou uma ideologia de quem quer por o aluno no centro, retirando-se do “campo de batalha”.



Precisamos de planos estratégicos, princípios pedagógicos e modelos educativos, precisamos de rigor científico e de clareza quanto aos fins a atingir mas, nada pode substituir ou iludir o mais eficaz e esperado da pedagogia inaciana: uma relação de confiança, a possibilidade de um acompanhamento personalizado, a credibilidade e coerência de vida que suscitam o desejo de conhecer as razões que orientam a fé e a liberdade de cada educador.

Antes de acompanhar cada aluno na sua “peregrinação” (entre Jerusalém e Emaús e vice-versa) cada educador não pode fugir á possibilidade de fazer um caminho interior que o aproxima de Cristo e da Igreja para não ser apenas um assalariado inaciano que faz depender a identidade da sua escola dos educadores crentes ou das equipas de pastoral. Talvez não seja obrigatório ser crente mas é, no mínimo contraditório que um educador menos crente não se abra á possibilidade de Deus ao estar tão perto, tão dentro de uma proposta formativa e atrativa que se justifica no desejo de educar para transformar o mundo, à maneira de Jesus.

2. Conhecer os detalhes do caminho.

Não chega aderir ao projeto, conhecer os fins, definir o “perfil” do aluno a educar. Nem sempre um educador sabe o que fazer e como fazer. Muitas vezes começa o caminho já cansado, repetido formulas, não esperando mais do que os mínimos nem de si nem dos seus alunos. Há demasiados educadores cansados, “sobreviventes”, desiludidos, sem vocação natural para ensinar.

A Companhia de Jesus acredita nos seus colaboradores e não quer deixar ninguém a fazer o seu caminho sozinho, tal como Jesus não deixou sozinho os seus discípulos a fazer o caminho de regresso a Emaús, “desiludidos” ou frustrados pelas opções que não deram em nada. Os discípulos conheciam bem o caminho para regressarem a Emaús, como tantas vezes os educadores também sabem o que é preciso fazer. O que os discípulos não sabiam é que estavam cegos pela tristeza e pela desilusão que lhes roubava a esperança e a gratidão. Não chega “cumprir”, não basta chegar á meta, ter feito todo o caminho sem se deixar transformar. Somos o que deixamos que os outros façam em nós.

Cada peregrinação, assim como cada aula, corre o risco de ser apenas a oferta de um currículo esperado e nunca uma promessa de futuro. O peregrino, aluno ou professor, pode não conhecer plenamente o caminho, dominar todos os detalhes, o mapa dos perigos e dos lugares de descanso; pode desviar-se, enganar-se, pode caminhar só ou acompanhado, cheio de pressa ou lentamente, esvaziando-se ou enchendo-se com o que lhe acontece mas o que não pode é apagar na memória a razão



do seu peregrinar, as razões pelas quais aprender é um investimento humano que faz todo o sentido.

Em cada etapa percorrida, tal como em cada aula, há uma convocatória, uma fonte que atrai e que pode coincidir com a proposta do Evangelho à liberdade de cada um. O evangelho não é desumano, desencarnado, uma abstração. Não é uma exigência maior do que as possibilidades da vida e de cada um. Não é um caminho de sucessivos obstáculos que só alguns conseguem ultrapassar. Na realidade, a peregrinação tem uma dimensão paradoxal: o peregrino deixa o lugar onde se encontra, a própria casa, para ir para um “outro lugar”, para se reencontrar nas próprias raízes.

3. O desassossego e a Paz.

O peregrino experimenta um enorme desassossego interior à medida que se aproxima da meta. Sabe que a peregrinação começa quando se atinge a meta desejada e se abrem os olhos do entendimento e o desejo de ficar com Aqueles que nos alargam os horizontes, nos dão grelhas de avaliação que não restringem ninguém à eficácia ou ao sucesso e nos preparam o pão (Jesus) e o peixe (Comunidade) que precisamos para viver.

O fim do caminho pode ter efeitos devastadores nas certezas iniciais do peregrino. O caminho transforma-se num apelo a uma desestruturação das seguranças e rotinas habituais. O peregrino aprendeu a ler o caminho, a gostar de o fazer com outros, a não chegar só como quando estava quando o começou, uma vez que em cada encontro, o céu desencadeou uma verdadeira mobilização contra a indiferença que nos gela o coração e agrava a miopia do olhar.

Um educador inaciano é como um peregrino pobre, precisa constantemente de humildade para se “despedir” das suas certezas e deixar-se fazer por dentro, acolhendo e adotando como “filhos” os que Deus lhe deu como alunos. Um educador inaciano não é um guia turístico ou um errante aventureiro que vai por sua conta. Não caminha nem ensina ao acaso, sabe o que quer, o que procura, para onde vai. Sabe o que tem, o que pode, o que precisa. Sabe pedir, cair, recomeçar, esperar. Os critérios do seu sucesso são mais do que os bons resultados dos seus alunos. A sua urgência não é gerar pessoas “influentes” mas pessoas “transformadoras” que vivem no seu dia-a-dia outro processo pascal. Este é o milagre do caminho, o milagre da educação.

Assim como um peregrino não se avalia pelas bolhas, pelas dores, pelos quilómetros percorridos, assim também nenhum educador se avalia pelos resultados em competição. O Educador inaciano ensina a pensar, a discernir, a perdoar, a cuidar,



a integrar, a ganhar e a perder, a servir. Nenhum fracasso o derruba, nenhum sucesso o ilude, nenhum abraço é bastante. Tantos educadores se fazem ao caminho mas tão poucos se deixam fazer pelo caminho, tantos cumprem a promessa mas tão poucos se descobrem prometidos à alegria.

Para quem acredita, uma escola será sempre muito mais do que um porto de abrigo ou um cais de embarque. É o lugar do improvável, do inesperado, do totalmente gratuito. É a casa onde se recebe e adota uma mensagem de vida eterna, onde se procura dentro de si, no seu mapa interior, feito de consolações e desolações, os sinais que fazem coincidir o seu mundo interior com a cartografia dos acontecimentos reais da história onde se vê que Deus nunca desaparece.